

Na 32ª Bienal de São Paulo, Bárbara Wagner exhibe as fotografias *Mestres de Cerimônias* (2016) e o filme *Estás vendo coisas* (2016), realizado em parceria com o artista Benjamin de Burca. Fruto de desdobramentos de sua pesquisa artística mais recente, realizada com apoio da Bolsa de Fotografia ZUM/IMS 2015, Wagner e de Burca mergulharam nos gêneros brega e funk de Pernambuco e de São Paulo, documentando a vida de jovens MCs ligados a esses movimentos. Em seu filme, os artistas retomam questões centrais na produção de Wagner, como a formação da identidade de grupo por meio da construção da imagem (e da autoimagem) e a investigação da linguagem do documentário em suas formas expandidas e como dispositivo de representação.

Wagner iniciou sua atividade artística pelo fotojornalismo, analisando as técnicas de construção da imagem no campo da comunicação de massa. Com base no processo de experimentação dessa linguagem, produziu sua primeira série de fotografias, *Brasília Teimosa* (2005-2007). Nessa série, pode-se identificar a estética que se tornaria recorrente em projetos seguintes: o uso da luz artificial que se sobrepõe à luz ambiente e outras técnicas de composição frequentemente utilizadas pela publicidade e pelo jornalismo. Esta última investigação está presente na série *Mestres de Cerimônias* (2016), na qual a artista registra a realização de videoclipes de brega, evidenciando uma estética e um imaginário que nascem entre a ostentação e a precariedade. Desde *Brasília Teimosa*, Wagner procura modos de emular a linguagem e as formas de construção das imagens pela mídia para subverter sua fórmula e, assim, desconstruir discursos hierarquizantes e homogeneizantes – como a valorização persistente da “alta e baixa culturas”, a relação entre o pop e o popular, assim como a categorização de certas manifestações sociais como sendo exóticas ou marginais.

A fotografia e o vídeo tornam-se, desse modo, meios pelos quais a artista questiona o próprio limite da representação, tanto pela forma como constrói essas imagens através de ângulos, enquadramentos, recortes e edição, quanto pela relação de pessoas retratadas com a câmera. Assim, o trabalho de Wagner cria também um lugar de dúvida entre o documental e o ficcional, tornando complexos os aspectos narrativos em torno da direção ou da espontaneidade dos retratados. Essa espécie de performatividade tem-se tornado um ponto essencial no trabalho da artista e tem recebido destaque em seus últimos projetos. Wagner se interessa pela análise desse corpo popular mediante a lógica que se pode relacionar à noção de coreografia social, trabalhada pelo pesquisador e músico Andrew Hewitt, assim como à ideia de coreopolítica, conceito abordado pelo ensaísta André Lepecki em sua reflexão sobre determinadas coreografias coletivas que ocorrem em grupos, movimentos e segmentos da sociedade e que criam, a partir do corpo, formas de empoderamento, constestação e manifestação.

Portanto, ao documentar o universo dos MCs do funk e do brega, assim como os bastidores dessa nova cultura de celebridades no Brasil, Wagner e de Burca ressaltam a combinação de realidade e fantasia da máquina do espetáculo, que move toda uma economia de desejos.

— Bruno Mendonça



